

O Colégio Florence, uma tradição na cultura jundiaíense

Por volta do ano de 1903, foi instalado em Jundiaí o Colégio Florence, instituição de ensino que marcou época em nossa cidade. O depoimento sobre a sua história, que publicamos abaixo foi feito ao JJ por Geraldo B. Tomanik, responsável pelo Museu Histórico e Cultural e autor de importantes documentos relativos ao nosso município.

Corria o ano de 1863, quando fundou-se em Campinas o Colégio Florence, obra benemerita de Carolina Florence.

Esse famoso estabelecimento de ensino, funcionou em terras Campineiras, durante vinte e seis anos portanto, até a República, quando aquela cidade foi assolada pela grande epidemia da febre amarela que abateu na sua mais esplendorosa fase de desenvolvimento, sustentando-lhe o progresso magnífico. Foram praticamente dez anos até que se extinguísse aquele mal. Além da terrível epidemia sofriria a Província um outro mal, que era a crise do café, do qual vinha Campinas sobrepujando no cultivo dessa rubiacea desde 1804 e daí alcançando o seu grande apogeu econômico em 1850. Com a grande ascensão dessa cultura, Campinas tornou-se na época do Império, a cidade mais importante da Província, chegando-se até mesmo a igualar-se com a Capital, com o seu comércio exportador suplantando de muito o de S. Paulo. Abalada profundamente pela mortandade causada pela febre epidêmica e de sua difícil e sacrificada reconstrução, resolve a direção do já falado Colégio Florence, transferir

se daquela cidade para Jundiaí.

Nossa cidade, privilegiada pelo seu boníssimo clima já conhecido e citado, como uma das cidades mais aprazíveis e pitorescas da vasta região da Província, se vê aquinhoada com a transferência e a instalação daquele modelar educandário, que viria contribuir de muito na elevação cultural de nossa gente. Devidamente instalado por volta de 1903 em nossa terra, ocupando o prédio que se localizava à Rua Barão de Jundiaí, fronteiro ao velho Largo de São Bento. Aquele casarão convenientemente adaptado para funcionar o colégio, possuía em sua extensa fachada além de suas portas, treze janelas que iam desde a divisa com os terrenos que mais tarde se construiria o Grupo Escolar Conde de Parnaíba, daí até alcançar o "chalet" de madeira que era uma típica construção em estilo da região da Floresta Negra, da longínqua Alemanha.

Nesse pitoresco "chalet", residia sua diretora Sra. D. Rosa Fladt, (na atualidade, o local onde se erguia o Colégio Florence, está o edifício recém inaugurado do Instituto Nacional de Previdência Social). Aquela construção de madeira, infelizmente teve seu fim ocasionado por um incêndio, ocor-

rindo pelas décadas de sessenta. Jundiaí em 1903 quando se instalou aquele colégio, não passava de uma tranquila cidadezinha de interior, onde sua pequena população vivia ainda sob forte influência de uma pacorrência maneira de viver provincianamente.

Após, as atividades daquele estabelecimento de ensino, encheu de muita vida aquele sóbrio logradouro, cuja movimentação era apenas do antigo Fórum e Cadeia. Naquela época, nem mesmo a igreja do Mosteiro em sua bicentenária existência, era frequentada conforme poderíamos ver através de um artigo de D. Rosa Fladt, publicado em edição do jornal A Cruzada em 11 de abril de 1943 e aqui transcrito.

"Em 1903, quando tomei conta do Colégio Florence as nossas meninas frequentavam a Matriz aos domingos. Este estado de coisas provocou muitas queixas da parte da população, que se queixou que estas meninas estranhas (o número era de mais ou menos 100) tomavam um bom número de bancos. As vigilantes ficaram aflitas porque então se encostavam na grade de ferro que existia ao lado dos bancos onde também se encostavam os moços para "namorar". Transferiu-se o colégio para a tribuna do lado direito, sem

acomodação conveniente, sem poder ver o altar. Eis que surgiu um médico. Dr. Las Casas dos Santos, que prometeu cura radical aos leprosos. Acudiram os desgraçados de todos os lados do Estado e do Sul de Minas. Alugaram casas, houve até uma espécie de hospital ou pensão para os doentes, que aliás, frequentavam todos os estabelecimentos públicos, ruas, etc. Fiquei com medo. O que fazer para evitar o contato com os doentes? Lá estava a Capela de São Bento, onde oficiou anos atrás o Pe. Júlio, um italiano, amigo do genro de D. Carolina Florence que conheci quando, no primeiro ano em que o Colégio mudou de Campinas para Jundiaí, eu ensinava no Colégio. Nós todas as vezes, frequentávamos então a missa em S. Bento. No início deste século, eu vi a Igreja aberta somente no dia de São Bento. A igreja era muito mudada. Houve muitos santos d'uma arte duvidosa enfileirados no altar, num aspecto grotesco. O Senhor Bom Jesus de Pirapora, Nossa Senhora, São Bento e Santa Escolástica, tiveram cada um por si, uma redoma de vidro. Não convinha falar sobre meus receios para evitar comentários. Fui para S. Paulo, procurei o Dom Abade Miguel Kruse, fiz meu pedido e expus as razões que me levaram a fazê-lo, etc. Já conhecia D. Miguel. Algum tempo antes minha irmã e eu assistimos a missa na velha igreja de São Bento, e qual não foi nosso espanto, a nossa profunda alegria quando o padre que subiu ao púlpito começou a pregar em nossa língua. Ambas tínhamos as lágrimas nos olhos. Depois de tantos anos ouvir um sermão na língua materna! Depois fomos a porta do Mosteiro e pedimos para falar com D. Miguel para lhe exprimir a nossa profunda gratidão e alegria. Estava certa que meu pedido teria bom acolhimento. D. Miguel olhou para mim pensativo e disse afinal: — "Mas, minha senhora, a capela de São Bento, em Jundiaí não está no estado de limpeza e conservação para se poder celebrar a missa nela, e eu tenho aqui as mãos cheias a fazer reformas não poderei ocupar-me com este assunto." — Disto me encarregarei Dom Abade, se me der licença, respondi. — Pois então dou-lhe a carta branca, pode queimar, por fora da capela, o que achar inconveniente e será por eu dizer aí a missa quando estiver pronta. Fica, porém, entendido que por enquanto não lhe posso mandar um padre para celebrar, pois, não tenho pes-

soal suficiente para o serviço aqui em São Paulo. Prometo, porém, que o farei desde que tenha possibilidade. Voltei contentíssima e desde o dia seguinte comecei o trabalho. — Revistamos os paramentos. Podia-se queimar o que julgasse necessário. Recorri ao Sr. Vigário e pedi que viesse assistir a este ato. Três gavetas abarrotadas de paramentos, em partes corroidos pelos ratos, baratas e todos num estado deplorável. Tenho por mim que, por séculos, o que não servia mais em São Paulo, foi transportado para cá. Foi uma fogueira imensa e só escapou um paramento de brocado de ouro e que talvez, em parte se pudesse aproveitar. A Sacristia, naquele tempo, estava onde hoje está a porta lateral. Para aí foram relegados todos os santos por cima de uma prateleira. De lá mais tarde sumiram-se provavelmente levados pelas famílias que os tinha oferecido. Pintavam-se as paredes, consertavam-se o soalho, raspavam-se os poucos bancos que estavam pintados com tinta a cal azul. Depois foram envernizados e um deles está até hoje diante da escada que leva para cima. Todos trabalhavam. Pintavam-se a mesa do altar, alguns caixões que serviam em cima da mesa como pedestal para S. Bento e Santa Escolástica, embelezados por toalhas bordadas, outros consertavam e bordavam toalhas do altar. Nem a ideia mais extravagante podia-se fazer o que era o côro de hoje. Ali viviam cabras, galinhas, morcegos, corujas e quando entramos para procurar alguma coisa aproveitável, toda essa bicharia esvoaçavam fazendo um barulho ensurdecedor. Andamos a decidir as placas de madeira que cobriam os túmulos de frades e com grande alegria achamos um grande crucifixo, ao qual faltava um braço. Também este encontrou-se afinal e o sr. Zambom fez o conserto para daqui em diante enfeitar o centro do altar. Felizmente achamos também mais alguns castiçais grandes, que nossas pintoras pintaram de branco com laivas de ouro. Ainda hoje há um vaso de flores de vidro branco, com relevos. Outra hora foram dois. Estes objetos tão simples, tão modestos, que saudades d'aquela tempo tão feliz, tão cheios de satisfação, provocaram eles! A meu pedido o Sr. Vigário acedeu de nos celebrar a missa, porém só de quinze em quinze dias. Entretanto, tinha seguido outra carta para Dom Miguel, naturalmente com um novo pedido. As meninas tinham estudado uma bonita missa. Nem elas e nem as professoras arriscavam a cantar sem instrumentos que as acompanhassem.

Escrevi então, dessa nova dificuldade e pedi ao 15.º Santo Auxiliar do Colégio Florence que, caso houvesse por lá um harmonium disponível, cedê-lo a capela de São Bento, em Jundiaí. prontamente veio a resposta que o harmonium estava já a caminho. Humoristicamente, dizia a carta, pois passei um logro na senhora; comprei um instrumento novo, mas, este ficou aqui e mandei o nosso usado. Satisfação em toda parte. Finalmente tivemos a nossa pri-



Hercules Florence, o jesuita da Missão Científica Barão de Langsdorff, e que por volta de 1825 por aqui esteve, marcando sua presença, com dois desenhos: O Pouso de Tropeiros e O Caminho Velho Para São Paulo.

meira missa, um dia de alegria! Enfim, eu podia guiar minhas meninas como estava acostumada. O sr. Vigário era de uma concordância única. Receiosa que nós tomássemos tempo demais, no domingo d'ele, eu pedi que desse um sinal quando estava pronto com as orações do Glória ou do Crêdo, que se podia parar com o canto. "Isso é que não, respondeu. Mande colocar uma cadeira para eu sentar e apreciar o canto."

Isto se fez e tudo correu em santa harmonia até que ele foi removido para Campinas. No princípio, houve críticas por causa da missa secreta, porque a porta da igreja não abria. Quando o Vigário fora removido vieram, mandados pelo Mosteiro, o Padre Cavalcanti; depois um padre Premostante, D. José e afinal D. Luiz. O primeiro destes sacerdotes olhou agastado, quando eu pedi que marcasse um dia para as meninas, por classe, se confessarem. O Colégio tinha 80 meninas que estavam preparadas para a confissão. Também isso se organizou. O primeiro passo — a primeira comunhão.

Houve alguns atritos com certos pais. Não insisti, contei com o tempo. Já no ano seguinte a situação era outra. D. Miguel aprovou meu modo de proceder. Não devemos esquecer que aqui tem filhas de pais contrários a educação nas casas de freiras. Este tempo de preparação é para mim, como para todas as meninas, uma recordação feliz, sagrada. Na hora da despedida, na tarde da primeira comunhão, houve cada ano lágrimas da parte das meninas e da minha. Que tempo feliz aqueles meses desde o Advento até o domingo branco! Quantas vezes mais tarde ao receber cartas das minhas meninas; recordando aquelas horas e contando-me que elas ensinaram nas fazendas de seus pais e mesmo nas igrejas paroquiais ou catecismos e preparam as meninas para a primeira comunhão, eu me lembrei, com saudades e ternura, da professora que me tinha preparado para a minha primeira comunhão! Uma vez houve um incidente durante a renovação das promessas de batismo; as meninas estavam ajoelhadas em roda do altar; uma delas inclinava tanto o corpo e a vela que pegou fogo no véu de outra ajoelhada em frente. Num momento peguei, arranquei e joguei o véu longe. Num instante só restava dele um pouco de pó. Comovida fiquei quando ao sair da Capela, a menina virou-se e perguntou: Meu véu? eu tinha um véu, onde ficou? Nem

uma delas tinham percebido o que havia acontecido. Mr. Mário Bulcão que tinha vindo de S. Paulo assistir nossa festinha, me disse depois: "Admirei seu sangue frio e a concentração das meninas". E assim fomos adiante sempre melhorando as coisas até que um dia veio o Padre Visitador dos mosteiros. Ao entrar na Capela disse que ficava surpreendido pela diferença e já que se tratava a capela com tanto amor e desvelo ia se restaurar a parte do côro. E foi feito. A igreja tomou a forma que hoje tem e quando o muro que separava as duas partes tinha caído. Dom Abade, me disse: — A parte de acima fica reservada para o Colégio, coloca aqui umas cadeiras que este lugar fica para sempre seu. Daqui em diante abre-se a porta da igreja para o público, espero que as meninas sirvam de exemplo aos outros. Um por um dos padre de São Bento, vieram nos dizer a missa e conhecer o novo São Bento de Jundiaí. O Sr. Gomes e o Sr. Ladeira me trouxeram um crucifixo em reconhecimento. O canto ficou sempre a cargo do Colégio. Dr. Cavalcanti ofereceu os sinos; professoras e alunas a lampada do Sacrário. Pouco a pouco apareceu gente que via de mais olhos a ingerência do Colégio. Veio um sábado que a professora de canto chamou as meninas para ensaiar a missa e as meninas lhe responderam que Dom Luiz tinha mandado recado que novo côro cantaria a missa. De todo aquele tempo belo e feliz, só resta meu lugarzinho na Igreja."

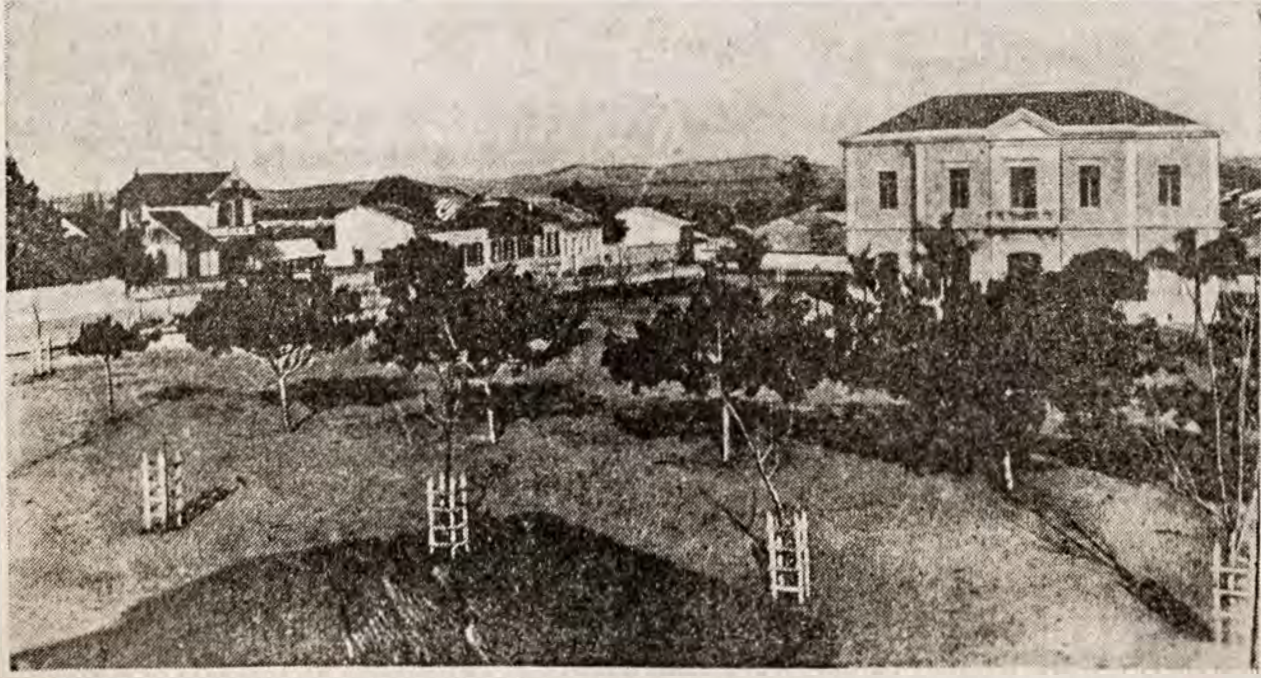
A participação do Colégio nas funções religiosas de São Bento, duraram do ano de 1903 até 1923 e graças ao carinho de sua diretora, Jundiaí, havia ganho mais um templo que seria através dos tempos, mais um grande patrimônio na vida religiosa da população jundiaiana. Esse educandário, honrava o nome de Jundiaí, e atraía para cá, moças de excelentes famílias, de cujos nomes muito enriqueceram a sociedade paulista.

Quando o Colégio comemorou seu cinquentenário de fundação, nossa cidade foi alvo de atenções por parte de inúmeras famílias e de pessoas ilustres na vida pública do Estado. Houve na data de 30 de novembro de 1913 as festas que marcaram aquela efeméride. Em trem especial vindo da Capital inúmeros convidados, entre eles, Dr. Eloy Chaves, que era o então Secretário da Justiça no Governo do Presidente do Estado Altino Arantes, sobre o fato estampou o Correio da Semana da Capital uma reportagem alusiva aquela comemoração, onde esteve presente Francisco Boucher, representante daquela revista, que assim se expressava: "O Colégio Florence muito acreditado, tanto que já conta meio século de existência, foi fundado pela benemerita senhora D. Carolina Florence, que a ele dedicou toda sua afeição. O Colégio possui hoje grande número de alunas, todas de importantes famílias do nosso Estado e dos vizinhos. A data do Colégio foi festivamente comemorada. A solenidade, além dos convidados da Capital, compareceram as famílias das alunas e outras pessoas gradas. O programa que consistia em diversos números de músicas e três pequenas comédias, teve ótimo desempenho, despertando muitos aplausos. Os números de música foram magistralmente executados, denotando o esplêndido preparo artístico que as alunas do Colégio recebem. Em um dos intervalos a Exma. Sra. Rosa Fladt, diretora do Internato, pronunciou um longo discurso, no qual fez o histórico do Colégio, rendendo significativa homenagem a sua fundadora. Também falou, fazendo uma bela alocução a senhorita Luiza Cramer, que em nome das colegas despediu-se das professoras. Os convidados foram fidalgamente tratados, retirando-se com agradável impressão da festa e da fidalguia do acolhimento.

O Colégio, também provocou gerais louvores, pela sua direção, método de ensino, etc., recebendo a sua distinta diretora muitos cumprimentos. Efetivamente o Colégio Florence é um exemplar internato para moças, dignos de todos os louvores, um verdadeiro modelo dos estabelecimentos de seu gênero. A sua diretora e as suas alunas, o nosso representante apresentou felicitações, agradecendo também o trato gentil que recebeu." Setenta e cinco anos são passados, desde sua transferência para esta cidade, que o acolheu e soube como honrá-lo em toda sua existência entre nós. O sentido deste trabalho, foi o de servir à memória dos jundiaíenses, para que muitos lembrem nos dias atuais, que sobre aquele chão, agora ocupado pelo edifício de Previdência, onde nossa terra foi seu berço, através dos nomes de Francisco de Monlevade e Eloy Chaves, outrora ali existiu o famoso Colégio Florence, que em sua dignificante missão de ensinar e educar, preparou sólidamente a educação de centenas de jovens, hoje mães e avós, que viriam a ser o sustentáculo de nossa sociedade, para nosso maior orgulho e respeito.



Dona Carolina Florence, esposa de Hercules Florence, fundadora do Colégio.



Aspecto do velho Largo de São Bento, no ano da instalação do Colégio Florence, vendo-se o prédio e o chalet à esquerda.